

OS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS DOS  
ESPORTES NO BRASIL: PERSPECTIVAS  
COMPARATIVAS COM A AMÉRICA LATINA<sup>1</sup>

*Considerando os recentes desenvolvimentos dos estudos antropológicos sobre esportes no Brasil (cf. TOLEDO, 2001; GUEDES, 2010), objetiva-se, neste texto, propor uma reflexão sobre o campo de estudo dos esportes na Antropologia brasileira e as possibilidades de pesquisas comparativas na América Latina. Sob tal ponto de vista, será buscado um diálogo com o balanço e a agenda proposta por Pablo Alabarces (2004), visando acentuar algumas das problemáticas que possam vir a se constituir em projetos conjuntos. Serão elencadas duas propostas metodológicas consideradas sugestivas para a elaboração de projetos comparativos.*

*Palavras-chave: esportes; antropologia; comparação; América Latina.*

\* Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do CNPq. Autora de *Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores* (EdUFF, 1997) e *O Brasil no campo de futebol* (EdUFF, 1998). Coorganizadora, com Edison Gastaldo, de *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional* (Intertexto, 2006).

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentado no Grupo de Trabalho Antropologia do Esporte, sob a coordenação de Maria Verônica Moreira e Luiz Fernando Rojo, na X Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em Curitiba, em 2011. Agradeço aos organizadores e aos participantes a colaboração na discussão proposta.

Em 1982, Roberto DaMatta afirmava, em texto fundacional do campo dos estudos antropológicos sobre esportes no Brasil, que o ponto de partida do que denominava uma “autêntica Sociologia dos esportes” seria “estudar comparativamente o significado relativo do domínio do esporte e, dentro deste domínio, do futebol em sociedades diferentes” (DaMATTa, 1982, p. 25). E exemplificava procurando demonstrar as extensões e conexões muito distintas das noções de jogo, esporte e futebol no Brasil e nos países anglo-saxões.

Entretanto, embora três décadas tenham se passado da publicação deste texto, pouco fizemos nesta direção, apesar de termos hoje, no Brasil, uma crescente e vigorosa produção sobre a dimensão social dos esportes. Não apenas na Antropologia – disciplina na qual, sem dúvida, se constituiu numa autêntica antropologia dos esportes –, mas também na História, na Sociologia, na Comunicação e em algumas subáreas da Educação Física.

Não há qualquer dúvida de que avançamos enormemente, nas últimas décadas, nas Ciências Sociais do Brasil, na produção de pesquisas sobre os significados e as relações sociais engendradas por meio do futebol e, nos últimos anos, de outras práticas esportivas e corporificadas. Tal avanço, talvez em proporção um pouco menor em face da menor extensão e antiguidade do sistema de pós-graduação argentino, também ocorreu no país vizinho. Nesse sentido, têm sido frequentes e produtivos os grupos de trabalho e mesas-redondas realizados em diversos eventos acadêmicos, como as Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM), as Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA), os Congressos Argentinos de Antropologia Social (Caas), as reuniões da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (Anpocs), além de diversos outros encontros menores. Considerando apenas Brasil e Argentina, avançamos, inclusive, na relação entre as instituições acadêmicas destes dois países, relações que se originam de interesses comuns e da iniciativa pessoal de alguns pesquisadores, mas que também são estimuladas por uma série de convênios entre agências governamentais.<sup>2</sup>

Nos últimos anos, conforme indica o trabalho de Alabarces, neste mesmo dossiê, é notável o crescimento, no México, do interesse acadêmico na temática dos esportes e do lazer, apresentando uma produção crescentemente consistente. De fato, o caso mexicano é muito promissor, pois há investimentos na constituição de redes de pesquisadores. Naquele país, a partir do interesse de pesquisadores de diversas áreas e instituições

<sup>2</sup> Interessante associação acadêmica, originalmente proposta por Wanderley Marchi Júnior, da Universidade Federal do Paraná, e Miguel Cornejo, da Universidad de Concepción, no Chile, mas com possibilidades de congregar pesquisadores latino-americanos, é a Alesde (Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte). Cf <http://www.alesde.ufpr.br/historia.html>, acessado em 31 de março de 2012.

acadêmicas foi criada uma *Red de Investigadores sobre Deporte, Cultura Física, Ócio y Recreación*, visando, inclusive, congregar pesquisadores radicados em outros países.<sup>3</sup>

Em resumo, nestes países, como se pode acompanhar através das resenhas básicas que aqui utilizo (TOLEDO, 2001; ALABARCES, 2004; GUEDES, 2010), multiplicam-se as temáticas, as perspectivas e os núcleos de pesquisa e se ensaiam incipientes trabalhos comparativos, propiciados pela crescente produção no tema em cada caso.

Todavia, não se registra uma produção equivalente nos diversos outros países da América Latina. Difundindo uma experiência singular construída por ocasião de seu trabalho no Clacso (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), a resenha de Pablo Alabarces (2004, p. 166-168), confirmada pelo texto presente neste dossiê, afirma que há isolados, porém importantes esforços em diversos países latino-americanos, na região central e no sul do continente, a saber: Costa Rica, Colômbia, Peru, Chile e Equador. Uma coletânea recente (GOIG, 2009) incorpora trabalhos sobre o futebol no Uruguai, Peru, Equador e Bolívia, em geral apresentando resultados parciais de trabalhos empíricos. Nas referências bibliográficas destes trabalhos é possível identificar ainda trabalhos de outros autores em cada um destes países. Os encontros bienais da Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) têm se constituído em importante espaço de intercâmbio, propiciando o encontro de pesquisadores de instituições acadêmicas de diversos países.

O conjunto destas indicações, embora evidentemente limitado, aponta para um desenvolvimento regional disperso e desigual da temática, mas também sugere haver toda uma reflexão se acumulando e, fundamentalmente, indica a existência de pesquisadores, em diversos países, que investem na temática dos esportes. Evidentemente, as condições de produção dos saberes são distintas em cada caso e não podem ser supostas. Há um desenvolvimento específico das Ciências Sociais em cada espaço nacional, relacionando-se direta ou transversalmente com as “problemáticas obrigatórias” (BOURDIEU, 1982) específicas. Entretanto, é interessante observar que, onde quer que esta temática se apresente em termos acadêmicos, duas áreas de interesse se impõem quase imediatamente: a primeira relaciona esporte e identidades sociais, em especial identidades nacionais, a segunda procura desvendar os significados e rituais dos torcedores organizados.

<sup>3</sup> Esta rede foi organizada, entre outros, por José Samuel Martínez López e Roger Magazine, da Universidad Ibero Americana, e Cesar Frederico Macias, da Universidad de Guanajuato. Propõe pesquisas, realiza eventos e congrega esforços.

Não tenho intenção – nem a competência – para resenhar o campo latino-americano dos estudos sociais dos esportes. Para o argumento aqui apresentado, importa destacar que as contribuições esparsas referidas aos esportes nos países latino-americanos não são incorporadas na reflexão brasileira. Até onde sei, nosso diálogo continental tem se restringido aos pesquisadores argentinos, ignorando-se, de um modo geral, a produção sobre o tema em outros países da América Latina, na área das Ciências Sociais. Na verdade, como sugere Alabarces, a ausência deste intercâmbio intercontinental talvez se deva mais às dificuldades de circulação do que à ausência de produção:

[...] a escassez de apresentações coletivas e continentais assinala mais as dificuldades da circulação de saberes sobre o campo de estudos que sua ausência. Ao apontar estas tentativas e comprovar o interesse que despertam, especialmente entre investigadores jovens da América Latina e do Caribe, pode-se afirmar que o problema central no campo seria, precisamente, não tanto a ausência de interesse e trabalho acadêmico sobre a temática mas o caráter periférico, isolado (novamente “clandestino”) e desarticulado entre si que ocupam estas investigações dentro das Ciências Sociais da região. (ALABARCES, 2004, p. 167)

De certa forma, é como se, em cada contexto acadêmico nacional, a temática devesse cumprir a mesma trajetória penosa em busca da legitimação. E, embora grande parte desta produção se constitua como esforços isolados, é notável realmente o nosso desconhecimento (o meu, pelo menos) acerca dos esportes na América Latina, fenômenos que, sem dúvida, são extraordinários. Esta observação, evidentemente, de um lado, apenas atesta a minha própria ignorância. Mas, de outro, atesta também uma marcada ênfase, na maioria dos trabalhos em nossa região, do que Mariza Peirano vai denominar *Antropologia at home*. Para o caso brasileiro, argumenta Peirano (2006, p. 57), que nas últimas décadas “a alteridade deslizou de um polo onde ela é (ou pretende ser) radical a outro, onde nós mesmos, cientistas sociais, somos o outro”.

Há muitas razões para isto, destacando-se, em especial, o papel das Ciências Sociais como partícipe importante no processo de construção de nossas nações (PEIRANO, 2006, p. 65), mas creio que não é necessário que as recuperemos aqui.

Penso, contudo, que muito teríamos a ganhar se empreendêssemos esforços em dois sentidos: a) identificar e contatar pesquisadores, núcleos ou grupos de pesquisa que investiguem esportes na América Latina, tentando mapear e reeditar redes de pesquisadores associados; e b) propor

programas de pesquisa comparativos sobre esportes em diferentes países da América Latina, reeditando, em novos moldes, a proposta da Flacso (ALABARCES, 2004, p. 166) e o pioneiríssimo empreendimento do Grupo de Trabalho Esporte e Sociedade do Clacso (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais). Este grupo multidisciplinar, coordenado por Pablo Alabarces de 1997 a 2003, segundo suas palavras, “se não pode gerar investigação conjunta e comparada, articulando esforços individuais de cada investigador em seu centro correspondente, permitiu a colocação continental da área problemática”. Dois importantes livros sobre esportes na América Latina resultaram destes esforços (ALABARCES, 2004, p. 167). Tais produtos certamente são cruciais para vencer as dificuldades de circulação destes saberes locais. Mas não seria possível retomar estes investimentos, tendo em vista a importância da temática em nosso continente?

Alabarces (2004, p. 159) inicia, justamente, a sua resenha apontando a dissonância entre o aparecimento tardio deste campo de estudos e “o peso descomunal que o esporte ocupa em múltiplos espaços da vida cotidiana, econômica, política e cultural das sociedades latino-americanas”.

Este “peso descomunal”, contudo, é também muito diferenciado, pois, como diversos estudos já o demonstraram, a apropriação dos fenômenos esportivos, transnacionais, é sempre específica, particular e local, conectando-se com outras práticas e com representações particulares, narrativas que recriam determinadas historicidades.

Sob tal ponto de vista, entendo que uma primeira problemática que se nos impõe é a da busca da ampliação de nosso olhar na investigação, em nossa região, do que Eduardo Archetti (1999), seguindo Strauss (1959), denomina de jogo complexo de “espelhos e máscaras”. Entendendo que as narrativas nacionais estão claramente conectadas com as visões do “outro” ou dos “outros”, em especial dos “outros relevantes”, embora sejam, por definição, particulares e idiossincráticas, podemos nos perguntar sobre a forma pela qual estes “outros” regionais são definidos em cada caso.

Como afirma Archetti:

O discurso argentino nacionalista não pode viajar, e Brasil e Chile não importarão nacionalistas nem símbolos argentinos. Em um mundo de nações, a similitude (todas são nações) está acompanhada pela exclusão (só existe uma nação Argentina). O estudo da viagem de “produtos nacionais” e corpos oferece uma perspectiva diferente, já que em um mundo de interconexões e relações globais a identidade argentina está colocada em um amplo contexto. A identidade não está fechada: encontra-se aberta no sentido de que a “reflexão” não se vê reduzida à maneira como

os argentinos “veem” e “definem” o mundo. O futebol e o tango são espelhos e máscaras ao mesmo tempo. A identidade está conectada, de forma global, devido ao fato de que reflete um largo processo histórico. (ARCHETTI, 1999, p.17, tradução minha)

E, certamente, esta identidade tem conexões regionais fortes e específicas, construídas em longo processo histórico que envolve submissão colonial, semelhanças e diferenças linguísticas, disputas regionais por territórios, recursos, mercados, invasões, limites, e mesmo cooperação (cf. ROMERO, 2004).

É este jogo que entra em campo, por exemplo, nos jogos da Copa Libertadores da América sem, contudo, ficar restrito aos campos de futebol. Nestas ocasiões, tais encontros continentais repercutem e reinventam os estereótipos mútuos e, por esta via, compõem e reinventam as narrativas nacionais. Há reedições de dramas sociais diversos, reencenando racismo, homofobia, preconceitos. Um episódio recente, que sintetiza este jogo regional de espelhos e máscaras, ocorreu no dia 22 de junho de 2011, após a partida final entre o time brasileiro do Santos e o time uruguaio do Peñarol, pela Copa Libertadores da América. Ao final do jogo, diante de um enorme tumulto no campo, o locutor Luiz Roberto da TV Globo, secundado por comentaristas, disparava repetidamente uma série de estereótipos sobre os uruguaios, considerando-os “obviamente” como causadores do conflito, invocando sua “tradicional agressividade” e o “fato óbvio” também de que “não sabem perder”. Algumas horas depois, outros meios de comunicação, da mesma rede, tiveram que reconhecer que o tumulto foi iniciado por torcedores santistas e que os jogadores uruguaios apenas reagiram à agressão. Repercutiu então a frase do jogador uruguaio Martinuccio, lamentando o tumulto e comentando: “deve-se aprender a festejar”. Ou seja: para uns, não se sabe perder, para outros, não se sabe ganhar. (Cf. <http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2011/06>).

Impõe-se, portanto, diante da importância das dimensões socioculturais dos esportes na América Latina, uma reflexão comparativa em âmbito regional. A realização da próxima Copa do Mundo no Brasil (2014) e dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro (2016), bem como uma série de eventos ligados a estes, acrescenta maior urgência para tais investigações.

Para esta empresa, penso que duas propostas epistemológicas sobre comparação podem ser consideradas como frutíferas. Apresento-as, resumidamente, em seguida, no intuito de fomentar a discussão.

Em primeiro lugar, temos a reflexão de Sally Falk Moore (2005), propondo a comparação de processos e não de realidades sincrônicas. Esta autora

exemplifica sua proposta com a análise de cinco casos de diferentes processos de desenvolvimento, ilustrando suas diferenças tal como se realizam localmente e as diferentes formas pelas quais se conectam com as questões globais. Evitando comparar “estruturas” estáticas, toma como unidades de análise os processos em si.

Frederik Barth (2000) também investe contra a metodologia que se inspira na “anatomia comparada” sugerindo a “busca da diversidade” e enfatizando o que denomina “a utilidade analítica da variação”. Propõe que “a diferença e a diversidade podem ser conceptualmente transformadas em um campo de variabilidade, levando à construção de um conjunto de *dimensões de variação* para facilitar a descrição de qualquer forma observada. Um conjunto de descrições em termos dessas dimensões, por sua vez, abre caminho para analisar como determinadas características tendem à covariação, ou seja, podem ser interdependentes ou interconectadas”. (BARTH, 2000, p. 193) Penso que esta perspectiva é especialmente interessante para a análise das *dimensões de variação e das covariações* regionais também porque não opera com fronteiras arbitrárias de culturas ou sociedades, relativizando as ideias de *dentro e entre*. Desse modo, a análise das *variações e covariações* é submetida ao mesmo escrutínio tanto em relação às possíveis *variações* de perspectiva num mesmo contexto quanto em contextos distintos, ultrapassando o caráter arbitrário das distinções entre sociedades.

Tendo em vista estas duas propostas analíticas, entendo que poderíamos, por exemplo, examinar sob tal perspectiva o espectro de *variações e covariações* do processo relativamente recente de “argentinização” do comportamento esportivo dos torcedores no futebol regional, fenômeno amplamente observável em diversos países.

Considero também que, diante de tal perspectiva metodológica, há ainda que nos inspirarmos no programa proposto por Marcel Mauss em 1934 (1968) sugerindo princípios classificatórios das técnicas do corpo que, certamente, podem ser analisados em termos processuais e em termos de suas *variações e covariações* contextuais. Tal proposta implica uma empresa coletiva e transdisciplinar. Implica também pensar as conexões entre práticas corporais esportificadas ou não, como entre dança e esporte, futebol e tango, futebol e samba, por exemplo, ou seja, conexões entre identidades “incorporadas” (cf. ARCHETTI, 1999; DYCK; ARCHETTI, 2003). Na mesma direção, é interessante igualmente reexaminar a noção de *habitus* (BOURDIEU, 1972) também em termos de suas *variações e covariações* contextuais, bem como refletir sobre a possibilidade de resenhar, na América Latina, “o campo das práticas esportivas” (BOURDIEU, 1983, 1990) examinando não só o futebol, mas, em cada contexto, não

constrangido por limites territoriais as conexões entre diferentes práticas corporificadas. De novo, e como sempre, como nos ensinou magistralmente Archetti (1999), na Argentina, o futebol é melhor compreendido se conectado ao polo e ao tango.

## AVANÇOS NOS ESTUDOS SOBRE ESPORTES NO BRASIL E NA ARGENTINA

Considerando o que conheço sobre a produção brasileira e argentina neste campo das práticas esportivas – e obviamente minha ignorância antes referida –, observa-se, claramente, a predominância do futebol como base empírica. Se a hegemonia dos estudos sobre futebol é justificável, ao menos nestes dois contextos, tendo em vista sua extraordinária importância mundial e local, a ampliação dos campos empíricos enfocando práticas esportivas diversas é extremamente alvissareira. Ficamos mais próximos de resenhar o “campo das práticas esportivas” e compreender a posição relativa, contextual e local, de cada esporte ou prática corporal, bem como as conexões em termos de corporalidades e representações coletivas. Seria relevante, assim, examinar *habitus* que circulam por contextos específicos e se transportam de uma prática a outra, transportando também determinadas concepções. O ponto de partida, a meu ver, é uma pergunta bem simples, mas essencial: que esportes ou práticas corporais esportificadas são valorizados em cada contexto específico, independentemente dos limites formais dos estados-nação?

A ampliação do espectro de práticas corporais esportivas abordadas talvez permita, justamente, relativizar e comparar a posição ocupada pelo futebol em cada contexto, minimizando, maximizando ou, simplesmente, diferenciando esta posição. Tenho dito que considero complicado, por exemplo, compreender o futebol no Brasil como uma prática esportiva simplesmente. Embora, é evidente, partilhe de modo formal com todos os outros esportes uma série de características, seu significado, como aponta DaMatta (1982), incorpora muito mais a dimensão de “jogo”, com todas as características éticas, estéticas e fortuitas que ele tão bem assinala.<sup>4</sup> Mas eu diria também que, no Brasil, por razões que só posso – ao menos no momento – atribuir a algumas contingências históricas e a um indefinível “arbitrário cultural”, este jogo transformou-se no mais poderoso instrumento de produção de pertencimentos coletivos, pertencimentos produzidos em seu próprio campo – como os pertencimentos clubísticos – ou

<sup>4</sup> Creio que também com isso concordaria Romário que, em mais uma de suas maravilhosas frases, respondeu a um jornalista que o entrevistava para a revista *Veja*, há alguns anos, não ser um atleta mas um jogador de futebol.



duplicadores de pertencimentos produzidos no sistema político e social – regionais, estaduais, nacionais. E, pelo que conheço do caso argentino, embora no país vizinho o futebol tenha um peso igual ou maior, há variações notáveis no peso relativo da adesão aos clubes e na significação do pertencimento através da seleção nacional. Podemos, certamente, supor que há, também, apropriações específicas em outros espaços sociais que podem ser iluminadas e iluminar com a análise comparativa dos processos de produção destes significados.

Conhecemos bem mais, atualmente, nas pesquisas de Ciências Sociais, também acerca das práticas esportificadas e corporais não profissionais, congregando investigações que vêm colaborando na composição do campo destas práticas. Além dos imensos circuitos naturalizados do futebol, há inúmeras outras práticas, bem como corporalidades muito distintas. Há, sob este ponto de vista, um espectro enorme de comparações possíveis, viabilizando uma Socioantropologia das *variações* regionais. Aqui, sem dúvida, o campo esportivo remete às apropriações diferenciais de classes ou segmentos sociais, constituindo sociabilidades específicas e, em alguns casos, práticas de distinção (BOURDIEU, 1982), como o polo e o golfe na Argentina, o hipismo e a vela (ROJO, 2009, 2010) no Brasil. A ampla difusão dos *habitus* corporais esportivizados gerou uma série de práticas muito distintas e também apropriações éticas e estéticas muito diferentes entre si, no mesmo contexto social, práticas que dialogam com ideias e valores diferentes. Pouco há, contudo, de inerente às práticas esportivas que impeça sua popularização ou elitização. Algumas são mais inclusivas do que outras, algumas são mais dispendiosas do que outras – em termos de recursos financeiros, espaço e equipamentos –, mas, de modo geral, há adaptações possíveis para quase todas. Do ponto de vista aqui proposto, é o processo de popularização ou de elitização que deve ser a unidade analítica em cada caso.<sup>5</sup>

Além disso, seria revelador também examinar as *variações* das corporalidades valorizadas, ética e esteticamente, em termos etários e de gênero, nos diferentes contextos sociais. Como é sabido, nos bairros de trabalhadores que estudei, na região metropolitana do Grande Rio, valoriza-se uma corporalidade feminina bastante generosa em suas formas, relativamente distante de um ideal de mulher delgada e longilínea exposto pelas modelos internacionais. Observei, impressionisticamente, uma *variação* semelhante na Região Metropolitana de Buenos Aires, onde corpos bem mais robustos habitam os bairros mais pobres. Nesse sentido, pode-se dizer que as classes e os segmentos sociais não apenas usam o seu corpo de modo distinto,

<sup>5</sup> É notável, por exemplo, nos raros dias de mar forte na praia de Icaraí, Niterói, cidade na qual resido, a presença de jovens pobres, carregando suas pranchas para “surfear” na praia.

envolvendo-se em diferentes práticas esportivizadas e corporais, como “incorporam” diferentes concepções da pessoa que precisaríamos investigar.

Um tema clássico das Ciências Sociais dos esportes é a sua relação com a política, embora, na maioria das vezes, esta relação tenha sido abordada de modo muito equivocado. Uma dimensão importante do trabalho de DaMatta é justamente a demolição da tese do “ópio do povo”, baseada em uma versão do marxismo que esvaziava completamente o fenômeno esportivo. Quando fui estudar as representações que operários de uma fábrica faziam, em plena década de 1970, sobre o futebol e sobre o tricampeonato obtido pela Seleção Brasileira de futebol, eu tentava, de alguma maneira, dialogar com esta tese, dialogando também com as representações midiáticas, componentes fundamentais do fenômeno esportivo onde quer que se realize, como inúmeros trabalhos vêm demonstrando (cf., por exemplo, entre outros, HELAL, 2006, e GASTALDO, 2006). Algumas décadas depois, embora já não silenciados (ALABARCES, 2004) pela tese do “ópio do povo”, apenas começamos a produzir um saber efetivamente relevante sobre as relações entre política e esportes.

A relação entre esportes e política se não é negativa e direta, como na tese do “ópio do povo”, não é, absolutamente, inexistente e apenas começa a ser desvendada. O campo dos esportes é, sem qualquer sombra de dúvida, um campo de intensas disputas por capitais simbólicos e, propriamente, econômicos. No âmago desta relação complexa entre esportes e política é que se situa a resenha de Pablo Alabarces (2004), cuja temática é apropriável em dois planos. Em um primeiro plano, analítico, seu texto recusa tanto o enfoque empobrecedor que nega o reconhecimento do fenômeno esportivo em seus próprios termos quanto o enfoque “populista” que o transforma automaticamente em “resistência”, produzindo uma série de *insights* preciosos sobre o fenômeno esportivo, envolvendo questões relativas à estrutura de classes, gênero e midiaticização. Mas sua agenda é muito mais do que uma proposta analítica, é uma proposta de intervenção: é uma esperança de transformação do esporte em um território realmente democrático. E para isso, elenca quatro pontos básicos (superação da fragmentação e das microidentidades; desmonte crítico dos relatos da mídia; recuperação da densidade do herói esportivo; substituição do *aguante* pela  *festa*). Trata-se, sem dúvida, de um programa de fôlego com o qual, certamente, compartilhamos.

Entretanto, creio eu – e estou certa de que Alabarces compartilha esta perspectiva também – que nossa contribuição para a democratização do fenômeno esportivo será tanto mais efetiva quanto mais produzirmos Ciência Social de qualidade. E será tanto mais efetiva quanto mais deslo-

caros nosso olhar para o “outro”, reproduzindo o movimento básico, relativizador, da Antropologia clássica; e quanto mais desvendarmos analiticamente as formas complexas e sutis de circulação dos capitais simbólicos e econômicos no campo esportivo, redistribuindo o poder. Penso que é preciso, de fato, não só realizar tal movimento na direção destes “outros relevantes”, como também envidar esforços para desvendar os difíceis e contraditórios meandros das utilizações e apropriações políticas dos fenômenos esportivos.

## ABSTRACT

*Considering the latest developments in the anthropological studies of sports in Brazil (cf. TOLEDO, 2001; GUEDES, 2010) this text aims at proposing a reflection on the field of studies of sports in Brazilian anthropology and on the possibilities of comparative research in Latin America. Under this perspective and taking into consideration the balance and the agenda proposed by Pablo Alabarces (2004), the text intends to establish a dialogue which highlights issues that may constitute joint projects. Two methodological proposals will be considered to elaborate comparative projects.*

Keywords: *sports; anthropology; comparison; Latin America.*

## REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. Viente años de Ciencias Sociales y Deporte em America Latina: un balance, una agenda. *BIB*, n. 58, 2004.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinities: Football, Polo and the tango in Argentina*. New York: Berg, 1999.

BARTH, F. Metodologias comparativas na análise dos dados antropológicos. In\_\_\_\_\_: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? In\_\_\_\_\_: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Droz, 1972.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983b.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In\_\_\_\_\_: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1982.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In\_\_\_\_\_: *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DICK, Noel; ARCHETTI, Eduardo (Orgs). *Sports, dance and embodied identities*. New York: Berg, 2003.

GASTALDO, Édison. A pátria na imprensa de chuteiras: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GUEDES, S.; GASTALDO, E. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GOIG, Ramón Llopis (Org.). *Fútbol postnational: Transformaciones sociales y culturales del deporte global en Europa y América Latina*. Barcelona: Anthropos, 2009.

GUEDES, Simoni Lahud. Esporte, lazer e sociabilidade. DUARTE, L. F. (Org.) *Horizontes das Ciências Sociais do Brasil: Antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010.

HELAL, Ronaldo. Jogo bonito *versus* fútbol criollo: imprensa e olhar argentino sobre nosso futebol. In: GUEDES, S.; GASTALDO, E. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. In\_\_\_\_\_: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

MOORE, Sally Falk. Comparisons: possible and impossible. *Annual Review of Anthropology*, v. 34, p. 1-11, out., 2005.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROJO, Luiz Fernando. Borrando los sexos, creando los generos: construcción de identidades de género en los deportes ecuestres en Montevideo y Río de Janeiro. *Vibrant*, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2009.

ROJO, Luiz Fernando. Os múltiplos significados da cidadania: estudo comparativo entre o Projeto Grael e a escola de vela do clube Nautilus. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, 34., 2010. Caxambu. *Anais...* Minas Gerais, 2010.

ROMERO, Luis Alberto. *La Argentina en la escuela: La idea de nación en los textos escolares*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

STRAUSS, Anselm L. *Mirrors & Masks: The search for identity*. London: Transaction Publishers, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira. *BIB*, n. 52, 2001.

